

APRESENTAÇÃO

O presente livro resulta de um projeto de investigação colaborativa realizado no período de abril de 2012 a abril de 2014, designado como *Prospecção de Modelos Tecnoassistenciais na Atenção Básica*. O projeto foi uma parceria com o Departamento de Atenção Básica, do Ministério da Saúde, e concretizado por um protocolo de pesquisa colaborativa interinstitucional de Educação em Saúde Coletiva, firmado entre 07 (sete) instituições brasileiras de ensino, desenvolvimento tecnológico e pesquisa, sob a coordenação do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, constituído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Da rede de investigadores em colaboração, participaram a Fundação Estatal Saúde da Família da Bahia (FESF-SUS/BA); o Instituto Leônidas e Maria Deane, da Fundação Oswaldo Cruz em Manaus (ILMD/Fiocruz); a Universidade de Brasília (UnB); a Universidade do Estado do Amazonas (UEA); a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), além da UFRGS. Estavam envolvidas instituições das cidades de Salvador, Manaus, Brasília, Campinas e Niterói, além de Porto Alegre; os estados da Bahia, do Amazonas, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal; presentes, portanto, as 05 (cinco) regiões do país.

A coordenação nacional esteve a cargo de docentes e recém-mestres da UFRGS. Além desta, foram configuradas 5 (cinco) Coordenações Regionais: Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste, Norte e Sul. A Coordenação Nacional foi composta por Ricardo Burg Ceccim, docente da UFRGS, Juliano André Kreutz, Laura Anelise Faccio Wottrich e Jaqueline Dinorá Paiva de Campos, recém-mestres da UFRGS; a Coordenação Regional Centro-Oeste foi composta por Elizabeth Queiroz, Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira e Antonia Angulo-Tuesta, docentes UnB; a Coordenação Regional Sudeste por Gustavo Tenório Cunha, docente da Unicamp; Carmen Siqueira Ribeiro dos Santos, doutoranda da Unicamp, por São Paulo; Túlio Batista Franco, docente da UFF, e Luiz Carlos Hubner Moreira, doutorando UFF, pelo Rio de Janeiro; a Coordenação Nordeste por Aline Lima Xavier, pesquisadora mestranda da FESF-SUS/BA; a Coordenação Norte por Júlio Cesar Schweickardt e Rodrigo Tobias de Sousa Lima, respectivamente pesquisador doutor e pesquisador doutorando do ILMD/Fiocruz, e a Coordenação Sul por Fernanda Steffen Culau e Lucenira Luciane Kessler, respectivamente recém-mestre e doutoranda UFRGS.

A “prospecção” veio da busca de contato com múltiplas experiências de fazer a Atenção Básica e da colocação de diversos interlocutores dessas experiências em rede de conversas. Não havia a menor intenção de localizar “boas práticas”, mas “distintas práticas”, nenhuma intenção de, ao final, tecer recomendações transversais ou resultantes de análise sistemáticas. Ao final, interessava comemorar a multiplicidade, a pluralidade, a diversidade. Uma boa pista era encontrar tensões, paradoxos e potências em prática. Talvez evidenciar outros/novos itinerários assistenciais, percursos pedagógicos locais (círculos), o repensar constante, a atualização permanente em Atenção Básica (redes). Captar perguntas e possibilidades que envolvessem a política e seus atores estratégicos, tomados por seu valor

protagonista de realidades (intensidades). O projeto, portanto, tinha o intuito de dar visibilidade às ações em saúde que estão em curso nos territórios multifacetados e multirreferenciados de nossas equipes, nossas cidades, nossas geografias, nossas culturas e apresentá-las como potência, a fim de reconhecer *políticas do fazer* a partir dos próprios protagonistas que vivenciam as realidades. O seu desenrolar circulou entre a educação, a pesquisa, a intervenção e o desenvolvimento tecnológico, “prospecção” de conhecimentos, saberes e estratégias (aprendizados).

O projeto reúne “histórias pra contar”, as quais denominamos “caldos de cultura”, uma vez que poderiam proliferar, contaminar e contagiar, em ramos e ramificações, bom alimento de conversa. Nas cinco regiões brasileiras “rodas locais”, designamos “círculos educossanitários” e sua articulação em “redes de conversação”. Devido ao modo de exposição aos outros, cada seminário de pesquisa funcionava como rodas de dobradiça (desafios e desconforto de saberes *educossanitários*). As conversas de rede eram marcadas pela concentração nas práticas (produções do trabalho vivo dos cotidianos), circulação da palavra e “função analítica” (“roda de dobradiça” com frequências e dinâmicas criadas pelos participantes), configurando aprendizados por intensidade provenientes dos “caldos de cultura”.

Compartilhamos saberes e atividades de experiência que relacionavam unidades básicas fluviais ou “consultórios na água”; consultórios na rua ou “equipes nômades na cidade”; apoio institucional e matricial autogeridos pelos trabalhadores ou confrontando os modos de fazer a gestão; medicalização da infância e palhaçarias; intervenções de estudantes nas redes de atenção e de gestão; gestão do trabalho intermunicipal, interredes e intergestores; regionalização com geografias líquidas; outros processos

de cuidado nos territórios. Afirmou-se a fruição nas trocas e na produção de inteligências coletivas. Apostou-se que a produção de conhecimento em saúde pode se dar por outros caminhos para além do que tradicionalmente é legitimado como o conhecimento científico (muitas vezes mascarando inúmeras prescrições que cobrem a experiência). Inventou-se um modo de operar que se deu pela participação de pesquisadores das cinco regiões brasileiras, vinculados a instituições federais, estaduais e municipais. Foram atores de diferentes cenários da saúde pública: estudantes, profissionais, gestores, pesquisadores e agentes da cultura local.

Como parte do processo/produto produziu-se o seminário *Jornada de Intensidades: in-formes da atenção básica em saúde, prospecção de devires*, promovido pelo Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, no final de 2013, em Porto Alegre. “In-formes”: informação para destituir a forma e enunciar saberes, nada de esclarecer ou ilustrar a boa ou a melhor forma. “Intensidades”: jornada de conhecimentos intensivos, não conhecimentos lógicos ou morais, intensidades que desafiassem a lógica e a moral. “Prospecção dos devires”: das imanências, do que brota do chão, do que se destaca dos encontros, do que se desprende das rodas, redes e corpos de afeto. O evento propôs a experimentação da metodologia utilizada no projeto, compondo-se de oficinas, desenvolvidas cada uma por cada “caldo de cultura” (círculos), por sessões transversais com debatedores convidados (rodas de dobradiça) e momentos plenários, livres ou pontuados por falas livres ou transversais, trazendo os marcadores “Trabalho e Território” e “Apoio e Formação” na Atenção Básica, que emergiram nos encontros nacionais (os “prospectos” da rede).

O produto em livro foi organizado em dois volumes distintos, um com os aprendizados (extrações dos círculos e redes), outro com a pesquisa-formação (“caldos de cultura”). Entende-se que cada narrativa destinada a outro produz outros olhares sobre as histórias, histórias de outros olhares, olhares outros de outras histórias sobre as histórias, uma mistura de olhos estrangeiros e produção de estrangeirismos na sua história, simplesmente porque se quer a troca, a mescla, a novidade, a invenção, a recriação, mas não se quer a regra, a forma, a prescrição, a imposição, o modelo a ser replicado, copiado, difundido. Se quer a dobra, a rede, a conversa, a cultura que se contamina e contagia, que cria novas passagens, novos pontos e outros nós a partir da abertura aos signos, do deixar-se imprimir pelos signos que não relacionam significado-significante, se abrem à invenção, produção e composição de sentidos.

O presente volume refere-se ao “livro da pesquisa-formação”, o livro 2. É o livro dos “caldos de cultura”, seus textos vieram das narrativas locais/locorregionais. Círculos-cultura, rodas de conversa por local, núcleos de intensidade. Podemos chamar de pontos focais de tecedura, o crocheter local de conversa franca e amizade. Desse crocheter local, os primeiros enlaces de cor e linha, sensação e pensamento, servem para o entrelaçamento em redes de conversação. Primeiro contato ou primeiras laçadas, um aprender da conversa trocada entre pares ou vizinhos. Primeiras laçadas que deveriam dar em um informe da experiência, narrativa. Da primeira narrativa aos “desconfortos intelectuais”, desequilíbrios ou pedras no caminho. E, de volta ao crocheter local, um novo conhecimento da experiência. Pontos desmanchados, linhas trazidas de fora, certa dose de responsabilidade, concentração e paciência. O momento de narrativa coletiva é o afastamento da rotina, oportunidade de artesanaria de pensamento, partilhar da

própria experiência e colocar-se em análise. A artesanania de pensamento, o crochê da autoanálise, nada mais é do que sair da rotina (voltar a estranhar), interromper o ritmo (prestar atenção) e demorar em miudezas (um pormenor, uma delicadeza). Escrever dessas coisas pode ser “qualquer coisa”, faz-se uma etapa no interior de um processo dinâmico, pode ser a composição de uma linha ou cor para emprestar, pode ser a composição de um tecido para receber agulhas e linhas. Nesse volume estão tecidos, cores e linhas, sem formar nada de coeso, são in-formes intensivos a serem entretecidos, entrelaçados e entremeados. A partir de alguma laçada na linha, uma rede pode ser tramada, uma vez verificado o tecido, uma linha pode ser oferecida. Cada ponto pode ser continuamente tecido. Cada produção não esgota as linhas que lhe deram possibilidade. Cada linha pode ser amarrada em outra antes que finde, se a trama ainda não acabou. Um “caldo de cultura” é a proliferação de fios, e a trama de fios é a rede, a renda ou o tecido.

Ricardo Burg Ceccim